

DOSSIÊ: GÊNERO, MEMÓRIAS E NARRATIVAS 1

*Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas
um passarinho me contou que somos feitos de
histórias”*

(Eduardo Galeano)

MOLDURAS PARA MEMÓRIAS E NARRATIVAS

Este Dossiê compartilha com as/os leitoras/es um dos instrumentos de avaliação da disciplina Gênero, Memórias e Narrativas, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos, o PPGNEIM da UFBA, isto é, o dossiê reúne alguns artigos produzidos pelxs discentes com base nas discussões e textos trabalhados ao longo do semestre letivo, se levamos em conta a dimensão meramente acadêmica.

Entretanto, a ideação deste dossiê guarda sua própria história (BARROS, 2011), que tem início em 2010, quando, então professoras de um curso de mestrado com foco em políticas públicas, propusemos a disciplina optativa Memórias e Narrativas de Gênero e Geração, que tinha como objetivo aprofundar o conhecimento acerca de novas expressões da questão social, a partir de um recorte de gênero e geração, de forma a realçar sua importância como categorias de análise da vida social e, refletir sobre sua incorporação na agenda da política social brasileira. Para nosso desapontamento, fomos dissuadidas a ofertar essa disciplina e, apresentar uma nova proposta, que resultou em “Proposições das Políticas Sociais no Cenário Contemporâneo”.

Anos mais tarde, no Programa de Estudos Interdisciplinares sobre Mulher Gênero e Feminismos da Universidade Federal da Bahia, o PPGNEIM/UFBA, retomamos a parceria e, enquanto ministrávamos a disciplina optativa Gênero, Desenvolvimento e Políticas Públicas, íamos amadurecendo a ideia de propor a disciplina Memórias e Narrativas de Gênero e Geração.

Começamos então a desenhar a disciplina, decidimos trazer dois eixos de discussões: O primeiro voltado para

gêneros, gerações, sociedade e cultura contemporânea, que nos permitisse abordar arranjos plurais de gênero, mudanças no curso da vida e nas relações entre gerações; percorrer memórias, trajetórias de vida e percepções elaboradas pelos sujeitos acerca das transformações sociais. O segundo eixo, trajetórias de gênero e geração nas cidades brasileiras, enfocaria novas demandas e respostas no âmbito das políticas públicas, através de pesquisas sobre pobreza, sociabilidade, família, trabalho entre outras temáticas.

De modo a contemplar os eixos propostos, definimos alguns tópicos sequenciais a serem explorados durante as aulas: Memória, narrativas e trajetórias de vida; contribuições dos estudos sobre memória e história oral às pesquisas sobre gênero e geração; história e política: as memórias subterrâneas; memórias, tempo e espaço: histórias baianas; memórias, tempo e espaço: território e migração; memórias, tempo e espaço: mulheres rurais; gerações e narrativas feministas; trajetórias de mulheres e contemporaneidade: afetos e subjetividades; trajetórias de mulheres e contemporaneidade: trabalho e luta por direitos; as mulheres e a militância: histórias de resistência e, por fim, novas narrativas e locais de fala.

Assim, passamos a compor o traçado metodológico, selecionamos autoras/es, pesquisadoras/es a serem convidados, textos e filmes a serem utilizados, definimos o processo avaliativo de aprendizagem. Estava concebida a disciplina, no âmbito do planejamento, mas restava uma dúvida: Será que as/os alunas/os iriam acolher a nossa proposta? Discutir memórias e narrativas de gênero e geração seria uma “mistura indigesta” como provoca Alda Britto da Motta (2002)? Afinal, aponta a autora, enquanto persiste a discussão em torno da produção das diferenças e de subjetividades antagônicas, na análise e na prática

feministas (porque as categorias são tanto teóricas quanto da ação política), há pouca reflexão sobre as contradições e ambiguidades que as relações expressas por essas categorias podem revelar, ao mesmo tempo em que se ignora o par conceitual idade/geração, tanto sua produção histórica como a dinâmica atual, além da própria condição etária das mulheres, a despeito do caráter fluido e plural do movimento feminista.

Todavia, resolvemos enfrentar o desafio e, embarcamos em uma viagem no tempo com trinta e oito tripulantes que, a cada leitura e encontro revisitavam suas próprias memórias, compartilhavam trajetórias, momentos vividos e experiências sensoriais, ao mesmo tempo em que atuávamos como mediadoras e, com “régua e compasso”, buscávamos imprimir um fio condutor às discussões em sala de aula.

Certamente não ignoramos que cada memória individual traz um ponto de vista relacionado à memória coletiva. No entanto, esse ponto de vista não se revela estático, na medida em que o nosso pertencimento a diferentes grupos produz deslocamentos que, por sua vez, influenciam a evocação daquelas lembranças que se revelam importantes para este presente e adquirem nuances consentâneas ao momento atual. Assim, no resgate de uma ou mais lembranças se encontram enovelados os vários caminhos percorridos no passado (BOSI, 1989), cujas interpretações se renovam em função dos contextos em que essas lembranças são evocadas, daí seu caráter transitório, fluido e contingente (BENTO, 2006), mas também espelham nossas próprias experiências, que envolvem tanto ações e sentimentos, como reflexões em torno dessas ações e sentimentos (KOFES; PISCITELLI, 1997).

Nesse sentido, a cada encontro, narrativas escritas eram discutidas e, evocavam lembranças, umas até então adormecidas, outras resguardadas no silêncio, algumas tristes, outras tantas felizes que, externadas, ganhavam vida através do desabrochar de emoções, imagens ora vívidas ora esmaecidas pelo tempo e, compunham o entrelaçamento de histórias vividas ou ouvidas que aproximavam passado e presente, ao mesmo tempo em que tramavam aprendizados e afetos mútuos.

Por isso, resgatamos nossa memória do vivido para organizar dois dossiês, tomando essa memória enquanto

elo conducente que possibilita a propagação de viveres, memórias-hábitos, imagens-lembranças, fazendo com que sejam re-existent no tempo (LEAL, 2011), através das narrativas construídas pelas/os alunas/os sobre suas trajetórias e experiências de vida. Suas narrativas versam sobre memórias diversas, desde afetivas, do trabalho, geracionais, de lutas, escolares e sobre a violência contra as mulheres.

Cada uma, a seu modo, foi, artesanal e artisticamente, modelando os contornos de suas vidas, definindo as margens, trabalhando o tamanho do que queria dizer, a forma e o colorido - algo em preto e branco, algo bem forte e atraente. Foi bom documentar como essas pessoas podem e sabem falar bonito, dar lições de vida e tirar lições da vida... (FERNANDES; GERMANO; GUEDES, 2012, p. 21).

Nesta edição, o dossiê tem início com o artigo de Iolanda Pinto de Faria e Daniele dos Santos Lima, intitulado “*Senta que lá vem história: o percurso memorialístico e performático das narrativas na disciplina Memórias e Narrativas de Gênero e Geração*”, em que as autoras nos convidam a percorrer suas ilações sobre a proposta metodológica da disciplina e a forma como se conseguiu entremear conteúdos teóricos e o conhecimento de mundo da turma, constituindo-se em um espaço coletivo de troca de experiências, de construção e transmissão de saberes por meio de histórias pessoais coletivizadas em sala de aula.

Os artigos seguintes escrutinam memórias afetivas: No primeiro deles, Leandro Neri Brito e Lina Aras resgatam “*Memórias afetivas e pastorais sobre a atuação das religiosas missionárias de Nossa Senhora das Dores em Alagoinhas*”, oferecendo-nos um registro histórico desde a chegada das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores à cidade de Alagoinhas/BA e seu trabalho de catequese e ação missionária na Diocese ao longo de trinta anos, cujas memórias pastorais vêm entrançadas às memórias afetivas de um dos autores, resgatadas desde a infância e nos revelam a sua formação e crença religiosa, uma vez que as discussões fomentadas na disciplina lhe permitiram “*mergulhar em lembranças e memórias particulares e coletivas, onde os sentimentos, as emoções e os saberes se encontraram de maneira profunda, intensa, harmoniosa e visceral.*”

Em seguida, Firmiane Venâncio compartilha conosco no artigo “*As Marias do Carmo: memórias de três gerações de mulheres no sertão baiano*”, pequenos

tesouros que habitavam o imaginário da autora e ganham vida a partir das narrativas extraídas da guardiã de memórias da família, Lucília, sua mãe e, ao que parece, contribuíram para despertar o interesse da autora sobre o protagonismo das mulheres. O olhar sensível e atento de Firmiane Venâncio, entretanto, não deixa escapar a assimilação pela narradora do discurso reproduzido pelos Programas para a Terceira Idade nos anos 1990, ao mesmo tempo em que identifica a sensação de segurança que a vida pacata e as amizades numa cidade interiorana parecem proporcionar às mulheres em processo de envelhecimento.

No próximo artigo, *“Entre Brasil e Irlanda, 10 anos de afetos e opressões: um estudo de caso sobre migração à trabalho”*, a autora Bárbara Ferreira de Freitas revisita suas próprias memórias no campo dos afetos para regatar a relação com a mãe, o sentimento de abandono e solidão diante da ausência de uma mãe que migra para outro país na busca por assegurar uma melhor condição de vida para a filha que, agora também mãe, faz outras conjecturas e interpretações, na tentativa de compreender como as estruturas de opressão social, histórica e econômicas travessam a história de vida de Ana, - a mãe -, influenciando sua condição de migrante brasileira em terras estrangeiras, de forma estrutural. Em suma, a autora busca compreender como a divisão sexual do trabalho opera nessas dinâmicas e como Ana a percebe.

Nesta edição, o Dossiê explora também *“Memórias de Violência”*, em que a autora Amanda Alves da Silva resgata feminicídios de dez mulheres no Brasil, de modo a enfatizar como a violência contra as mulheres permeia a nossa memória coletiva, de tal modo que acompanhamos ávidos as notícias veiculadas em torno de possíveis motivos, julgamentos, justificativas dos réus e estratégias de seus advogados de defesa que, invariavelmente, buscam erigir uma imagem da mulher como alguém que atenta contra a moral e os bons costumes, cujo desfecho trágico do romance já se fazia esperado dado o comportamento feminino, fórmula ainda hoje utilizadas para culpabilizar as mulheres, dividir opiniões entre as/os leitoras/es, mas, principalmente, sensibilizar o júri. Para tal, a autora Amanda Alves recupera casos de feminicídios que foram amplamente noticiados pelos meios de

comunicação e de alguma forma impressionaram a população, desde as primeiras décadas do século XX, ao mesmo tempo que entremeia tal resgate com a luta política do movimento de mulheres e feministas pelo fim da violência de gênero contra as mulheres, que envolvem desde a implementação de políticas públicas para mulheres com recorte de gênero à criação de legislações para enfrentamento à violência em suas modalidades tanto no âmbito doméstico-familiar, a exemplo da popularmente conhecida Lei Maria da Penha àquela voltada para a forma mais letal de violência, a Lei do Feminicídio, sem que as estatísticas espelhem a redução desses fenômenos até o presente momento.

Finalmente, no artigo *“MINHA VIDA NÃO É FOLHA DE PAPEL EM BRANCO: revisitando memórias de uma trabalhadora rural”*, Maria Asenate Conceição Franco e Márcia Santana Tavares compartilham conosco a história de vida de uma trabalhadora rural residente na comunidade rural de Pau Ferro- Muritiba-BA, aqui nomeada Tereza de Benguela, de modo a ilustrar os marcadores sociais de diferença que deixam marcas indelévels tanto no corpo quanto na alma, acompanham sua trajetória de vida e se refletem em violências transgeracionais experienciadas em seu meio familiar, culminando com o feminicídio da filha e a impunidade do autor do homicídio, dada a ausência de uma rede de atendimento e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar na área rural, que além disso ainda a ameaça por estar com a guarda dos netos, que revivem sua força para continuar lutando para que sua vida não seja uma página em branco, ou seja, que sua luta não seja em vão e que possa deixar para os netos um legado.

Por ora é só, mas se você gostou das narrativas aqui compartilhadas, aguarde a próxima edição na qual traremos novas memórias afetivas, de lutas, de labutas e escolares, que nos desafiam, incomodam, enternecem e fazem sentir o pulsar da vida que nunca cessa em sua capacidade de se/nos renovar e surpreender.

Até lá, desejamos a todas, todos e todes uma boa leitura!

Márcia Tavares e Josimara Delgado

Referências

BARROS, Miriam Lins de. Memória, Experiência e Narrativa. *Illuminuras*, Porto Alegre, v.12, n. 29, p. 4-17, jul./dez. 2011.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Gênero e Geração: de articulação fundante a “mistura indigesta”. In: FERREIRA, Silvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (orgs.). *Imagens da Mulher Contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Edusp, 1998.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

FERNANDES, Andrea da Paixão; GERMANO, Olga Guimarães; GUEDES, Ivana de Oliveira. Narrativas de mulheres guerreiras: histórias de vida, leitura e escrita na EJA. *e-Mosaicos*, v. 1, p. 15-23, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/4381/3173>. Acesso em: 09 set. 2019.

GALEANO, Eduardo. *Os filhos dos dias*. LP&M, 2012.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de "historias femininas, memórias e experiências". *cadernos pagu* (8/9) 1997: p.343-354. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1887/2008>. Acesso em: 10 set. 2019.

LEAL, Alessandra. Cultura e Memória: percepções das lembranças re-existentes no tempo. *Geo UERJ - Ano 13, n.º. 22, v. 2, 2º semestre de 2011* p. 350-361.

Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/2459/1731>. Acesso em: 10 set. 2019.